

“A GUERRA ERA

TV 7 Dias – Mudou-se para o Porto Canal há quatro anos. A decisão foi a mais acertada?

Júlio Magalhães – Todas as decisões que tive até hoje foram acertadas. Um dia, há nove anos, estava bem instalado na RTP, e na altura fui convidado para a TVI. Eu demorei muito tempo a decidir, porque na altura diziam que a TVI estava falida, que a TVI não tinha futuro nenhum, que estava para fechar portas. Eu ia deixar um lugar de funcionário público, com ordenado garantido, com um bom horário, para me ir meter na TVI, que era um buraco. Aceitei o desafio, fiz essa transferência e vivi alguns dos melhores momentos da minha carreira.

Mas agora a escolha foi um pouco diferente...

Olhe que não. Quando saí da RTP mudei-me para uma estação falida, que ia fechar portas. A única segurança que tinha era o José Eduardo Moniz. Se a estação não tem comprado o *Big Brother* tenho dúvidas de que o canal existisse.

Já passaram quatro anos sobre a sua conturbada saída da TVI. O que o fez mudar?

Chega um tempo em que é preciso mudar, senão andamos a arrastar-nos nos corredores como outros que lá andam. Poucos se mudariam de Lisboa para o Porto nas circunstâncias em que me mudei. Julgo que é um mérito que não me podem tirar. Corri esse porque acho que devemos mudar. O histórico que eu tenho visto são pessoas a agarrarem-se às instituições durante 20 anos, depois andam deprimidas porque perdem o lugar, não contam com eles, estão à espera que elas se reformem...

Sentiu-se a arrastar pela TVI?

Não, mas senti que isso ia aconte-

SAIU DA TVI PARA NÃO ANDAR A ARRASTAR-SE PELOS CORREDORES. Nunca mais falou com José Eduardo Moniz, mas mantém uma relação próxima com Marcelo Rebelo de Sousa, e critica a interferência política no audiovisual português.

cer a partir dali. Já tinha atingido o topo. A partir dali ia fazer o jornal de sábado, o jornal de domingo, ia andar entre o Porto e Lisboa, de trás para a frente, e nada mais. Já não tinha nenhuma motivação para lá continuar.

Os problemas começaram quando estive como diretor de Informação, entre 2009 e 2011. Foram dois anos penosos?

Não! Foram dois anos extraordinários... [ironia]. O primeiro ano foi como se estivesse na Guerra da Bósnia [risos], e o segundo foi mais normal.

Os jornalistas do Porto Canal também passam o tempo no Facebook, como criticou um dia os jornalistas da TVI?

[risos] Só há dois ou três apresentadores viciados no Facebook e em blogues. Houve realmente um momento em que os jornalistas da TVI se dedicavam mais ao Facebook do que ao canal. As guerras eram tremendas.

Com uma distância de quatro anos, consegue explicar o que se passou durante o tempo em que esteve como diretor?

Havia uma facção que era ligada ao Moniz e à Manuela Moura Guedes, e outra

contra. As duas facções andaram a ajustar contas uns com os outros durante o meu primeiro ano. O que se passava na TVI passava para fora. Eu nem dormia de noite, porque de manhã ia ver os jornais, o que vinha da TVI, da redação da TVI, de

peessoas da TVI, que contavam coisas cá para fora. Porque havia um clima de ajuste de contas dentro da redação.

Era impossível controlar?

Demorou dez meses a controlar. Terminou no dia em que eu disse, antes de ir de férias de verão, que estava na TVI, mas que era do Porto, e que em setembro decidiria o que fazer, porque não precisava de ser diretor da TVI. Tanto uma facção como outra perceberam que eu era um elo de estabilidade pa-

“O primeiro ano [como diretor de Informação da TVI] foi como se estivesse na Guerra da Bósnia.”



GALHÃES faz uma viagem ao passado, sem tabus, nem medos

TREMENDA

ra ambos. Não sou de ajustar contas com ninguém, confrontar ninguém ou gerar guerras. Modéstia à parte, acho que se não fosse esse meu perfil a TVI tinha um futuro mais difícil. Porque a guerra era tremenda. Um pulso de ferro nesse momento, na TVI, era um descalabro.

Mesmo assim, acabou por abandonar o cargo de diretor de Informação e ficar ainda algum tempo na TVI...

Em fevereiro comuniquei a minha decisão e em março saí do cargo. Em abril ou maio fui convidado pelo Porto Canal para vir trabalhar para aqui, mas eu disse logo que estaria na TVI, porque tinha um compromisso com o professor Marcelo Rebelo de Sousa, que só sairia no final do ano. Foi no

*(Continuará)
[alguns segundos]*

**EXCLUSIVO
TV 7 DIAS**

O jornalista não guarda rancor da TVI, mas diz que a administração do canal de Queluz de Baixo não agiu bem com ele

(Continuação da página anterior)

meu tempo. Eu e o Bernardo Bairrão [ex-administrador da TVI] conseguimos que ele regressasse.

Foi então o professor Marcelo que o fez ficar na TVI até ao final de 2011?

Era o compromisso de ficar a fazer os jornais de domingo com ele. Mas em outubro disse-lhe que ia sair, e ele percebeu. Também percebi que o professor iria candidatar-se a Presidente da República. Não que ele me tenha dito alguma coisa, e até negava.

Entretanto, no final de 2011, saiu...

O Bernardo Bairrão ia sair, e eu achei que estava na altura. O Filipe Terruta, também, o José Carlos Castro, o António Prata, o Luís Sobral, o Pedro Pinto, a Maria João Figueiredo, a Cristina Carranca e muitos outros, ou seja quase todos, exceção de duas ou três pessoas que estão sempre do lado que lhes convém. A redação estava pacificada, as audiências estabilizadas, estava na altura de me dedicar à família.

A sua família agradeceu a decisão de se radicar totalmente no Porto?

Na altura ficaram apreensivos, como os meus amigos ficaram. Hoje, passados quatro anos, dão-me razão. E o mercado abriu. Hoje tenho amigos que saíram da RTP, da SIC e da TVI, e que foram para a Benfica TV e a CMTV. Hoje tenho o mundo que quero.

Saiu, de alguma forma, magoado?

Não. A TVI foi um pouco deselegante na forma como tratou o processo. Eu tinha um subsídio de diretor de Informação da TVI, e sem mais nem menos tiraram-me o subsídio. Não foi ilegal, só acho que foi deselegante. Eu tinha dado o corpo ao manifesto durante dois anos, que foi trabalhar nas circunstâncias em que trabalhei, e estabilizei a TVI. Seria de bom-tom a administração não ter feito o corte.

Nos dois anos em que foi diretor de Informação, a sua amizade forte com José Eduardo Moniz ficou estragada. Voltou a falar com ele?

Nunca mais falei com o Moniz. Nunca mais o vi. Na altura éramos amigos, depois deixámos de contactar. Nada de novo quanto a isso.

Gostava de apagar esta guerra do seu passado?

Não se apaga nada do passado.

O percurso da vida das pessoas é mesmo este. Não guardo rancor nenhum. O que se passou foi num contexto muito difícil para ele e para a Manuela Moura Guedes. Houve uma incompatibilidade com a administração. Houve um envolvimento político e empresarial.

Uma amizade de tantos anos...

... Estragou-se só naquele período. Mas as coisas normalizam-se. O José Eduardo está de novo na TVI.

Ficou com pena?

Fiquei, mas cada um seguiu a sua vida. Nunca dependi deles, nem eles de mim.

Se o encontrar, cumprimenta-o?

Cumprimento, mas falar sobre o passado, não. Veja, ele tinha um litígio com o presidente do Benfica, Luís Filipe Vieira, e agora ele é vice-presidente. Teve um problema grave com a administração espanhola da TVI, e agora está na administração espanhola da TVI. Por isso, está a ver. O tempo muda e apaga tudo.

O seu telefone não tocou, depois de sair, com um convite para trabalhar noutra canal de televisão?

No primeiro ano, tocou. Fui convidado para um canal, mas não posso dizer...

Foi de um canal privado ou público?

Foi de um canal generalista.

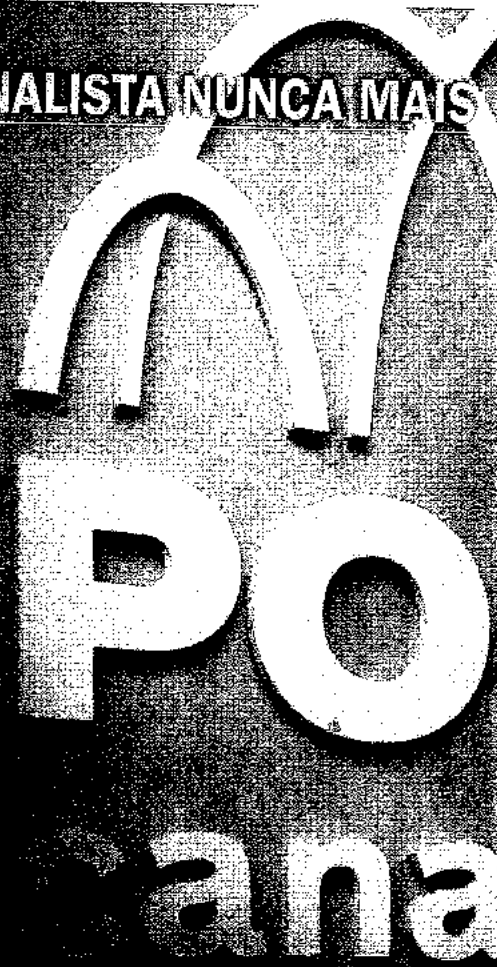
Sente que recomeçou do zero ao vir para o Porto Canal?

Quando cheguei cá as instalações do Porto Canal eram muito rudimentares. Lembro-me que, quando eu convidei o professor Marcelo Rebelo de Sousa a vir cá, o cenário caiu. Entretanto, foi feito um grande investimento. Aqui nos estúdios da Senhora da Hora foram investidos €300 mil, e nos estúdios do Estádio do Dragão foi cerca de €1 milhão. Neste momento, somos um canal que se tornou influente no País.

Qual é a audiência média do canal?

A média é de 0,4% [N.R.: 40 mil pessoas] no País todo, e 0,9% [N.R.: 90 mil pessoas] no Norte. A Norte, muitas vezes, ficamos à frente da RTP. A expectativa é daqui a um ano termos uma audiência média de 1,5% [150 mil pessoas] a Norte, e 1% [100 mil pessoas] no País todo.

O Porto Canal compete com quem?



Com o Benfica TV e com o Sporting TV?

Com todos, mas estamos muito mais no panorama da TVI 24, da RTP 3, SIC Notícias ou CMTV. Nós fazemos serviço público no norte do País. E digo mais. Não vejo outro canal a ter uma grelha tão variada como nós. Não somos um canal de clube, mas sim um canal com clube.

Quantas pessoas trabalham aqui? É condição ser-se adepto do FC Porto?

Oitenta pessoas. Não há nenhuma condição. Mas é claro que tem de haver um identificação com a cultura da empresa que tutela o canal. Já na TVI era assim. Não somos um canal de clube, mas um canal com clube e as pessoas têm de perceber em que local trabalhavam. É só uma questão de bom senso.

Como profissional, também sente que se tornou desconhecido?

Sinto. Esta é a segunda entrevista que estou a dar em três anos. Em Lisboa dava 300 por ano, a todas as revistas, a todos os jornais. Não me estou a queixar.. É assim, é a vida!

FALOU COM JOSÉ EDUARDO MONIZ

EXCLUSIVO
TV 7 DIAS

“Estamos num país muito centralista. [...] As regiões só não têm televisão porque não há vontade política.”

Tem sido um caminho duro...

É muito mais difícil estar no Porto. Há 20 canais em Lisboa, e todos têm acesso às operadoras, às promoções e às grandes agências de publicidade e de comunicação. Essas agências em Lisboa não querem nada com o Porto, porque não lhes interessa. Estamos num país muito centralista. É difícil abrir horizontes. As regiões vão ter de ter, todas, um canal. Se não tiverem vão deixar de existir, porque não têm visibilidade. As regiões só não têm televisão porque não há vontade política. Se houvesse, tinham.

O que quer dizer com vontade política?

Está tudo relacionado. A regionalização é um tema que incomoda. As televisões são meios e ferramentas importantes para o tema da regionalização, para um dia mais tarde.

Mencionou várias vezes o professor Marcelo Rebelo de Sousa, que agora é o nosso Presidente da República. Tem falado com ele?

Tenho. Telefonou-me no intervalo do FC Porto-Benfica [N.R.: dia 6 de novembro] para me dizer que o FC Porto estava a jogar muito bem e que o árbitro não estava a ser amigo do FC Porto. Ainda há uns tempos veio ao Porto e fomos jantar a uma marisqueira.

Ainda não o entrevistou como Presidente da República?

Ainda não. Nem o convidei. Ele não tem tempo para vir ao Porto Canal. Eu gostava muito, mas ele é que não deve ter muito interesse [pausa]. Mas ele gosta de inovação e de surpreender o País, e podia dar um sinal. Seria uma boa ideia ele dizer: 'Vou dar um sinal ao País, e vou começar a dar as entrevistas a um canal do norte do País', e dava.

O professor convidou vários jornalistas que trabalhavam em televisão para serem seus assessores. E a si, não o convidou?

Não fui convidado e não tinha de ser. Os amigos não são para estas coisas, são para serem amigos. Sou amigo do Presidente. Não sou amigo para ele me arranjar tachos. Nunca lhe pedi nada. Além disso, não tenho vocação para ser assessor, nem chefe de gabinete. ☺

Texto: Emmanuel Rodrigues. Fotos: João Manuel Ribeiro